

PROJETO CHICO VILA: OFICINAS DE ENCENAÇÃO TEATRAL NAS COMUNIDADES

Prof. Dr. Naira Ciotti, coordenador

Chrystine Pereira da Silva¹,

Paulo Welbson Silva do Nascimento²,

Telma Rodrigues da Silva³

Departamento de Artes - UFRN

RESUMO: O presente trabalho apresenta considerações a respeito da trajetória do Projeto Chico Vila dando ênfase às ações de extensão que se desenvolvem atualmente nos bairros de Mãe Luiza e Felipe Camarão e na cidade João Câmara. Apontamos aqui questões pedagógicas que surgem da proposta de ensino das artes cênicas em espaços comunitários, cenários de múltiplos sujeitos onde cada um é levado a desenvolver suas singularidades através da arte. Tomando seu meio formativo como referência para as vivências que se apresentam no mundo que o cerca. Utilizando-nos de uma abordagem metodológica centrada na pesquisa-ação (THIOLLENT, 1998), apresentaremos processos de ensino-aprendizagem em andamento onde, oficinairo e aluno dividem um espaço de igualdade na pesquisa sobre o objeto escolhido: a arte como movimento de expressão pessoal.

PALAVRAS-CHAVE: Teatro, Performance, Projeto de Extensão, Comunidade.

O ensino das artes cênicas é uma área de conhecimento que possui uma presença crescente não só no contexto escolar formal como também no mercado de trabalho para empreendedores culturais e nas diversas formas de ensino não-formal. Nas principais

¹Graduanda do curso de Licenciatura em Teatro da UFRN. Integra o projeto de extensão Projeto Chico Vila como bolsista atuando no bairro de Mãe Luiza ministrando oficinas de performance, sob coordenação da Professora Doutora Naira Neide Ciotti.

² Graduando do curso de Licenciatura em Artes Cênicas da UFRN. Integra o projeto de extensão Projeto Chico Vila como bolsista atuando no bairro de Felipe Camarão ministrando oficinas de teatro, sob coordenação da Professora Doutora Naira Neide Ciotti.

³ Graduanda do curso de Licenciatura em Artes Cênicas da UFRN. Integra o projeto de extensão Projeto Chico Vila como bolsista atuando no município de João Câmara ministrando oficinas de teatro, sob coordenação da Professora Doutora Naira Neide Ciotti.

idades do Brasil surgem cada vez mais novos espaços para oficinas de artes, oferecidas para diversos públicos, tais como: crianças, adolescentes, pessoas na terceira idade, portadores de deficiência física ou mental, iniciantes na linguagem da interpretação, professores em formação assim como na assessoria e reciclagem técnica de atores profissionais e grupos amadores. Variados tipos de oficinas, workshops e cursos de atualização na área do teatro são oferecidos aos mais diversificados públicos, através da ação da iniciativa privada, cooperativas de artistas, órgãos públicos da saúde, da educação, da assistência social e da cultura e instituições como SESC, SESI, sindicatos e organizações não-governamentais. Por sua vez, a cidade do Natal possui uma demanda de um grande número de espaços comunitários que não dispõem desse tipo de atividade.

O Projeto Chico Vila, que foi criado em 2007 pelo Prof Dr Marcos Bulhões Martins em homenagem ao ator e produtor Francisco Evilailson Souza, é um projeto de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte que possibilita que os alunos da graduação em Artes Cênicas e Teatro ponham em prática nas comunidades da cidade do Natal e cidades vizinhas o conhecimento adquirido em sala de aula. Em 2009, sob coordenação da Prof. Dr. Naira Ciotti, o projeto propõe a continuidade de oficinas de encenação teatral realizadas na comunidade do Musquito (2007 e 2008), no bairro de Felipe Camarão (2008), e nas cidades de São Miguel do Gostoso (2007), Monte Alegre e Vera Cruz (2008). Contando com três bolsistas que atualmente desenvolvem seus trabalhos nos bairros de Felipe Camarão, Mãe Luiza, bem como na cidade de João Câmara.

Na coordenação das oficinas optamos por uma abordagem metodológica centrada na pesquisa-ação, nos moldes formulados por Thiollent (1998) Neste tipo de abordagem, existe uma explícita interação entre pesquisador e as pessoas implicadas na situação investigada. Os resultados dependerão, em parte, da forma como se dará a inserção de cada um dos pesquisadores no universo específico dos diferentes grupos de iniciantes nas artes cênicas, ou seja, da intervenção direta através de diálogo concreto in loco com os participantes das oficinas teatrais em cada grupo, formulado e coordenado pelo respectivo oficinheiro. Sendo assim, as oficinas realizadas não pretendem formar profissionais na área das artes cênicas, mas, apresentar aos oficinandos estas linguagens artísticas priorizando a formação de uma consciência crítica no que diz respeito ao agir e interagir em seu contexto.

Dentro dessa perspectiva o presente artigo mostra a trajetória do projeto, enfatizando o seu desenvolvimento junto às comunidades beneficiadas atualmente, desde seu planejamento até os resultados que consistem na montagem de experimentos cênicos. O formato do trabalho apresentado na XVII Semana de Humanidades mostrava uma ação de extensão ainda inicial que seria desenvolvida no decorrer do ano de 2009, porém neste artigo mostramos a ação em finalização, em processo de criação dos extratos cênicos, o que nos possibilita uma abordagem mais clara em torno dos processos criativos. A seguir falaremos individualmente da cada uma destas ações.

Oficinas Teatrais em Felipe Camarão

O Projeto Chico Vila faz-se presente no bairro de Felipe Camarão, desde 2008, com o objetivo de formar novas platéias entre os jovens, de aproximar teatro e platéia, e de mostrar para os jovens do bairro uma possibilidade de expressão artística e também de trabalho, mas sem jamais fazer uso ou formar demagogias para tanto. Nesse sentido, pretendíamos que nossos alunos não se constituíssem como atores e atrizes, mas sim,

como verdadeiros apreciadores do teatro, que tanto entendessem como praticassem o teatro, sejam como atores, diretores, dramaturgos e etc.

As oficinas de iniciação teatral foram pensadas para jovens entre 13 e 21 anos de idade, residentes no próprio bairro. Neste ano, as oficinas tiveram duração de março até dezembro e culminaram numa cena intitulada “Criadas”, adaptada pelos próprios alunos com ajuda dos professores e baseada na obra de Jean Genet “As Criadas”.

Em 2009, o Projeto Chico Vila retorna ao bairro de Felipe Camarão, com a mesma estrutura básica, mas propondo uma oficina mais específica: além da iniciação teatral e da formação de platéia, o objetivo principal é o de desmistificar uma obra clássica do teatro mundial, “Romeu e Julieta”, de William Shakespeare.

Pretendemos também aproximar o teatro da comunidade, e não o contrário, pois estamos levando o conhecimento teatral para o centro da comunidade a fim de transformá-la numa multiplicadora de conhecimento e não numa mera copiadora. Aproximando os jovens de um dos maiores, se não o maior, clássico da dramaturgia mundial, despertando o interesse dos nossos alunos por Shakespeare e mostrando a eles que é possível sim, compreender e apaixonar-se pela trágica história de Romeu e sua Julieta.

Neste sentido, a oficina foi pensada para possuir três módulos, começando com o primeiro em junho de 2009 e o último se encerrando em meados de dezembro do mesmo ano. No primeiro módulo, com duração de três meses, trabalhamos uma breve história mundial do teatro, abarcando a Pré-história, Grécia Antiga, Idade Média e Renascimento. Depois estudamos os conceitos e características do Teatro Dramático, berço da origem de Romeu e Julieta. Este módulo é marcado por um caráter mais teórico, onde procuramos balizar e fomentar as idéias dos alunos através também de exemplos extraídos do cotidiano deles, como as novelas brasileiras e mexicanas (com estruturas dramáticas quase idênticas e sempre repetidas) e com a exibição de dois filmes: “Romeu e Julieta”, de Franco Zeffirelli e “Romeu e Julieta” de Baz Luhrmann, uma versão clássica e uma contemporânea, respectivamente, mostrando as possibilidades de adaptação da história e as diferentes visões que se pode ter da mesma.

No segundo módulo, priorizamos as oficinas práticas, sem deixar de lado a teoria aprendida no módulo passado, este tem a duração de dois meses. Aqui é importante salientar que começamos a fundir as práticas corporais de iniciação ao teatro com a teoria do livro “Estética da Ginga”, pesquisa sobre a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica, de Paola Berenstein Jacques (2001). O importante dessa fusão é fazer com que os alunos percebam não só os próprios corpos através das práticas teatrais que envolvem corpo, mente e voz mas, também, o ambiente que os cerca e como esse ambiente molda os seus corpos, seus movimentos, seus sentidos e seus pensamentos. O livro faz essa relação entre os corpos e mentes dos moradores da favela e seus barracos, becos no meio da cidade.

No terceiro módulo, que se inicia em novembro e termina em dezembro, pretendemos entrar na fase de adaptação, montagem, ensaios e apresentação. O objetivo nesta etapa é fazer os alunos mergulharem na obra Romeu e Julieta, adaptando-a (para melhor apropriação do texto), dando idéias para a montagem (aproveitando todos os alunos não só como atores, mas também em outras funções do teatro e explicando a importância de cada uma), ensaiando e apresentando o produto do seu aprendizado para uma platéia formada pelos moradores do bairro, cumprindo assim o papel do Projeto

Chico Villa, que é o de fomentar o teatro na comunidade e de multiplicá-lo através de seus moradores.

O Projeto Chico Vila em João Câmara

Uma das grandes dificuldades em torno da democratização da arte é a falta de acesso a ela. Nas cidades do interior essa lacuna é ainda maior já que não há muitas opções de lazer tão essenciais à saúde do indivíduo. O projeto Chico Vila objetiva fazer com que os moradores de João Câmara percebam que é possível fazer arte no seu lugar. O espetáculo resultante das oficinas acontecerá no Torreão, uma serra que representa um ponto bastante importante para a cidade, símbolo de religiosidade e foco de turismo pela sua beleza natural. Assim sendo, pretendemos criar nas pessoas envolvidas o gosto pela sua terra. Em seu livro *O espaço vazio*, Peter Brook (2008) nos fala da importância do “teatro que não se faz em teatros, o teatro em estrados, em carroças, em palanques; com o público em pé, a beber, em volta da mesa, a participar, a responder”. É essa forma de teatro que acreditamos ser possível. O fato de a cidade não possuir a instituição, o prédio teatro – contam apenas com uma casa de cultura que ainda não foi inaugurada pelo governo do Estado – não quer dizer que não possam viver essa forma de arte.

O projeto Chico Vila foi iniciado em João Câmara no mês de junho de 2009 e desde seu princípio vem abordando a necessidade de mudança do ser humano, baseado nas reflexões de Augusto Boal (1977)⁴. Com encontros semanais buscamos a integração e a reflexão em torno da transformação pessoal e social onde a arte é nossa principal ferramenta.

Numa das primeiras discussões em torno das palavras de Boal sobre transformação, chegamos à conclusão de que o teatro pode transformar o mundo, mas para isso, é preciso mudar a si mesmo nas pequenas atitudes para que elas apareçam no nosso dia-a-dia e influenciem as pessoas ao nosso redor. Para que as mudanças aconteçam, é preciso que haja a consciência da necessidade delas, e para isso é preciso pensar.

Como resultado do projeto, montaremos um espetáculo intitulado “O sangue que usamos tem pouca tinta” que será apresentado também como trabalho de conclusão da disciplina de Encenação III do curso de Educação Artística – Artes Cênicas. O texto utilizado como base da encenação é *Morte Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto (1982). A obra nos auxilia na reflexão sobre as diferenças sociais, tão abordadas também por Boal. A vida e a morte sempre coexistindo ao longo da trajetória do indivíduo alertam a todo o momento para fragilidade do mesmo. A vida que tanto hierarquiza pode ser interrompida a qualquer momento pela morte que põe todos os seres dominantes em pé de igualdade com a mais inferior das criaturas.

A experiência é rica tanto para os atores quanto para quem encena. “O encenador não-profissional deve explorar o fato de tanto ele quanto seus atores estarem imediatamente ligados à realidade social” (WEKWERTH, 1997: 26). A partir dos jogos propostos, a turma cria cenas e dá sugestões que vão se inserindo no espetáculo. Dentre

⁴ No seu livro *Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas* (1977), ao falar em revolução, Boal considera que cada indivíduo pode se mobilizar em benefício de uma convivência mais feliz com os demais.

os jovens participantes, alguns já tinham experiências com peças teatrais montadas por um grupo local. Porém, boa parte deles tem agora sua primeira oportunidade e parafraseando Wekwerth, “sem dúvida, há também entre os não-profissionais talentos admiráveis” (WEKWERTH, 1997: 25). A dedicação demonstrada deixa clara a vontade de fazer arte sempre paralela à realidade em que vivem, discutindo e tentando sempre fazer melhor.

As atividades do projeto tiveram início com jogos de preparação corporal e improvisação de cenas no intuito de incorporar um acervo artístico nos jovens. Também trabalhamos com debates de temas referentes à arte, especificamente ao teatro, e às condições de vida e de morte presentes na cidade. A pesquisa também foi um recurso presente na busca das crenças e costumes do povo. Atualmente, trabalhamos o espetáculo com ensaios ao ar livre. Tal acontecimento causa uma movimentação diferente na pacata João Câmara e provoca a curiosidade nos transeuntes que por ora param para ver o que está acontecendo e terminam incrementando a interação grupo-comunidade.

Boal acredita que o teatro é uma linguagem que pode ser utilizada por qualquer pessoa: “O teatro é uma arma e é o povo quem deve manejá-la” (BOAL, 1977: 127). Assim, sendo, as oficinas de teatro realizadas em João Câmara não pretendem formar grandes atrizes e atores ou quaisquer outros profissionais na área das artes cênicas. Busca sim, apresentar-lhes o mundo fascinante dessa forma de arte priorizando a formação de uma consciência crítica que faça perceber a importância de ser alguém e estar no mundo.

Oficinas de Performance em Mãe Luiza

O trabalho desenvolvido nas oficinas promovidas pelo Projeto Chico Vila na comunidade Mãe Luiza desde julho de 2009 se propõe levar o indivíduo a uma análise de seu meio formativo para que haja a compreensão deste sujeito enquanto ser atuante em um contexto, transpondo de maneira crítica as barreiras entre sala de aula e comunidade, fazer artístico e cotidiano.

Nesse sentido, nos valem de exercícios de autores como Augusto Boal e de práticas desenvolvidas através de estudos sobre os processos criativos em dança-teatro, aliados à produção de manifestos e depoimentos pessoais, para trazer o cotidiano dos partícipes para o espaço da oficina, a fim de estimular uma reflexão crítica no que diz respeito a seu contexto social e político.

Utilizando um termo de Jussara Sobreira Setenta, partimos de exercícios que evidenciam o “fazer-dizer do corpo” (SETENTA, 2008: 17) na medida em que levamos os participantes da oficina a transformar sensações em movimentos corporais, criando, assim uma linguagem particular que inventa um modo de dizer-se (SETENTA, 2008).

Desde o início das oficinas, os partícipes foram levados a pensar as linguagens artísticas, transpondo suas barreiras e encontrando diferentes maneiras de hibridismo entre estas. A oficina, que conta com sete partícipes, busca estimular os alunos a desenvolver uma singularidade na arte, entendendo-a como movimento de expressão pessoal.

Paul Zumthor (2000), em seu livro “Performance, Recepção, Leitura” considera a performance, no que diz respeito aos estudos literários e ao sentido etnológico da palavra, como o momento de concretização da comunicação, que ocorre no instante da

transmissão oral da poesia. Nesse sentido, a recepção implica uma transformação. Desta maneira, enfatizo a idéia de que nenhuma transformação pode deixar de ser concernente ao conjunto da sensorialidade do homem.

O autor retoma da estética da recepção alemã o conceito de “passagens de indecisão”, que consistem em “espaços” em branco “deixados” nas obras para que sejam preenchidos pelo leitor com suas impressões individuais, tornando-o parte da obra através desse espaço de liberdade ilusório. Portanto, o leitor recebe e se apropria do texto reconstruindo-o, embora os “acréscimos” feitos pelo leitor sejam de existência provisória, visto que a cada dia que se lê o leitor receberá estas informações e as reconstruirá de maneira diferente.

Na performance enquanto acontecimento, a compreensão do que é visto é impregnada da individualidade de cada espectador, assim como o que leva o performer ao ato e como procede durante sua apresentação está também impregnado de sua individualidade, seu contexto. Também o espaço físico, o ambiente e os fatores que implicam nesse, interferem no ato performativo. Estes fatores fazem com que cada performance, ou cada apresentação de uma mesma performance, sejam totalmente diferentes, se metamorfoseando de acordo com as variações que sofre o próprio indivíduo.

Ao apresentar aos oficinas uma linguagem pouco parecida com o que eles conhecem por teatro, algumas barreiras foram encontradas. Pude perceber que a idéia de falar sobre si mesmo e de não representar nenhum personagem, os deixava envergonhados. Para eles, falar de si não era interessante às pessoas que os iriam assistir. A partir deste obstáculo conversamos a respeito do ato artístico como a revelação de um segredo que, ao mesmo tempo em que se revela se mantém secreto, pois os espectadores nunca saberão exatamente o que se queria dizer, ao contrário, a partir da identificação com o que lhes é mostrado ou de sensações provocadas pela apresentação, os espectadores tiram suas próprias conclusões do que foi visto.

Pensar a arte como a revelação de um segredo, uma maneira de expressão que transpõe as palavras, nos faz também pensar a relação com o público como sendo uma relação sensível e relacional, visto que, ao presenciar o ato artístico o público tem a liberdade de compreendê-lo de acordo com as sensações que este lhe causou. Estabelece-se assim, uma relação de igualdade entre performer e público, pois, cada um tem a liberdade de expressar e compreender o que lhe é importante.

Através destas oficinas pensa-se em uma pedagogia da arte da performance. Mas como ensinar alguém a falar sobre si mesmo? Que ferramentas são necessárias para o desenvolvimento de uma linguagem pessoal? Como levar alguém a pensar uma linguagem que está em constante movimento? Como transpor as barreiras entre cotidiano e fazer artístico?

Essas e outras questões são as que tentamos responder nessa trajetória que se configura quase que como uma compulsão, um hábito que se cria para aliviar a angústia que a busca por uma maneira de dizer-se provoca. Nesse sentido o oficinairo deve também estar atento e pronto para agir e interagir com as transformações que sofrem os oficinas, como se as transformações deles fossem também as suas. Vivendo e recriando estas sensações o oficinairo adquire autonomia para orientar os oficinas nessa busca pela linguagem do indizível.

Considerações Finais

As ações do Projeto Chico Villa levam teatro e performance ao espaço comunitário onde, na maioria dos casos, apenas há contato com os meios de comunicação de massa e, por esse motivo, pouco contato com estas linguagens artísticas. Esta proposta se configura de maneira diferente do que comumente percebe-se nas práticas artísticas: pretende-se levar a arte até a comunidade e não o contrário. Transformar esses dois elementos vistos como alienígenas, e muitas vezes alienantes, em algo conhecido, componente da comunidade, apreciado e entendido por ela.

O Projeto de Extensão Chico Villa possibilita aos bairros e cidades do interior da grande Natal a oportunidade de contato com o teatro e a performance, de uma forma onde eles podem encontrar uma nova maneira de expressão, reinventando-se e “reconhecendo-se”. Nesse sentido, ao perceber a realidade e as demandas das comunidades os oficinairos desenvolvem seus trabalhos na perspectiva de facilitar esse processo, e não de colocar-se como detentor de um dom incomum que deve ser repassado para os demais de maneira incontestável.

São ações de intervenção nas comunidades que pretendem a organização de extratos cênicos a serem construídos junto com os afinados, priorizando o processo de facilitação em detrimento do produto final. Sendo este apenas um resultado desse processo. Partindo dessa premissa, propomos através de dinâmicas corporais uma percepção do sujeito enquanto atuante em seu meio e detentor de individualidades, as quais são ressaltadas contribuindo para maior desenvolvimento de uma identidade pessoal na arte e na vida.

Após a apresentação dos resultados desses processos, o Projeto Chico Villa pretende a continuação da ação de extensão nessas comunidades e a facilitação de outros processos em outras comunidades e cidades do interior da Grande Natal. Contribuindo assim, para disseminação das artes cênicas nessas localidades, bem como para a formação de públicos e talvez, como resultado desse processo, futuros profissionais da área.

Referências bibliográficas

ACHATKIN, V. C. (Org.); DUARTE, M. R. (Org.); CIOTTI, N. N. (Org.); MRAZ, S. (Org.). *Caderno de exercícios*. São Paulo: Educ, 2006.

ACHATKIN, V. C. (Org.); DUARTE, M. R. (Org.); CIOTTI, N. N. (Org.); MRAZ, S. (Org.). *Territórios das Artes*. São Paulo: Educ, 2006.

BOAL, A.. *Jogos para atores e não-atores*. Rio e Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BOAL, A.. *Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas*. Rio de Janeiro: Editora Civilização brasileira S.A., 1977.

BORIE, M.. ROUGEMONT; M.; SCHERER J.. (org.) *Estética teatral, textos de Platão à Brecht*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

BRECHT, B.. *Estudos sobre Teatro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

BROOK, P.. *O espaço vazio*. Lisboa: Editora Orfeu Negro, 2008.

COHEN, R.. *A Performance como linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

GLUSBERG, J.. *A arte da performance*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

HUIZINGA, J.. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

JAQUES, P. B.. *Estética da ginga. A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

MARTINS, M. B.. *Encenação em Jogo*. São Paulo: Hucitec, 2004.

NETO, J. C. de M.. *Morte e Vida Severina e Outros Poemas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

PAVIS, P.. *Dicionário de Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

SETENTA, J. S.. *O Fazer-Dizer do Corpo: Dança e Performatividade*. Salvador: EDUFBA, 2008.

SPOLIN, V.. *Improvisação para o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

THIOLLENT, M.. *Metodologia de pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1998.

WEKWERTH, M.. *Diálogo sobre a encenação – um manual de direção teatral*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

ZUMTHOR, P.. *Performance, Recepção, Leitura*. Trad. Jeruza Pires Ferreira & Suely Fenerich. São Paulo: Educ, 2000.